

ESTRATÉGIAS IDENTITÁRIAS E COTIDIANO DAS COMUNIDADES JUDAICAS DE CAMPINA GRANDE / PB

Mirella de Almeida Braga
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: O presente artigo examina o processo de identificação étnica de novos convertidos de três comunidades judaicas no município de Campina Grande/PB, com ênfase para estratégias de reconhecimento identitário, e elementos do cotidiano, que operam como marcadores de identidade e formadores de fronteiras étnicas. A metodologia adotada baseou-se na reconstrução de trajetórias de identificação através de narrativas de histórias de vida dos novos judeus em suas interações sociais no espaço familiar e comunitário. O texto procura analisar como a histórica resistência cultural judaica se traduz igualmente em pequenas atividades cotidianas que revelam a “arte de se tornar judeu”.

Palavras-chave: Comunidades Judaicas. Fronteiras Étnicas. Identidade Cultural.

Identity and daily strategies of the Jewish communities of Campina Grande / PB

Abstract: This article examines the process of ethnic identification of new converts in three Jewish communities in the city of Campina Grande/PB, focusing on identity recognition strategies and everyday practices that operate as markers of identity and which form ethnic boundaries. The methodology adopted is based on the reconstruction of trajectories of identification through the narratives of new Jews' life stories in their social interactions within family and community. The text seeks to analyze how historical Jewish cultural resistance also translates into small everyday activities that reveal the “art of becoming a Jew”.

Keywords: Jewish communities. Ethnic boundaries. Cultural identity.

Introdução

Grupos judaicos florescem em torno de líderes carismáticos em Campina Grande-PB nas últimas décadas. Estas comunidades de judeus afirmam a ascendência marrana¹, proveniente da diáspora de judeus sefarditas² do período colonial, que se congregaram em torno de sinagogas estabelecidas em diferentes pontos da cidade. São elas, a comunidade Magen David, localizada no bairro do Catolé, contando com aproximadamente 30 membros; a comunidade Caraíta e a Amigos da Torah, ambas no bairro de José Pinheiro, a primeira contando com aproximadamente 15 membros e a última possuindo cerca de 40 membros; além de uma associação denominada Amigos da Torah.

Diferentemente de outras religiões, a conversão ao judaísmo implica a necessidade de reconhecimento dos novos convertidos como judeus junto às

Comunidades Judaicas tradicionais, sendo este um requisito que requer um grande investimento de memória individual e coletiva, bem como recursos financeiros. As demandas individuais de reconhecimento são levadas a diferentes Comunidades Judaicas do Brasil estabelecidas desde o século 19, e também do exterior.

Este fenômeno vem se desenvolvendo em outros estados nordestinos, sendo alvo de pesquisas, que vem identificando Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte como os mais representativos onde as comunidades tem se mobilizado para reinvenção da identidade marrana. Contudo, o exemplo mais paradigmático desse movimento de retorno da identidade marrana de judeus sefarditas é o da comunidade de Belmonte no Norte de Portugal (Garcia, 2006) que se conservou fiel às tradições judaicas por séculos, reivindicando na década de 1980 seu retorno ao judaísmo ortodoxo.

Tendo em vista que o pertencimento a religião judaica se fundamenta em princípios consanguíneos, alguns dos novos convertidos se mobilizam para reivindicar sua pertença através da recuperação da sua genealogia marrana, que por força das perseguições cristãs da península ibérica, permaneceu encoberta por séculos. Outros buscam reconhecimento pela adesão à fé e às práticas judaicas. Com o aumento da visibilidade desses movimentos de busca de reconhecimento por parte de várias comunidades, os governos da Espanha e de Portugal aprovaram recentemente leis, para concessão de nacionalidade aqueles que comprovarem sua ascendência judaica sefardita. Esta política internacional de reconhecimento da identidade de judeus sefarditas se insere em uma conjuntura política contemporânea de forte antissemitismo, marcado pelas conversões de jovens ao islamismo, de modo que o discurso oficial português é de que se trata de uma estratégia política para minimizar a onda de antissemitismo na Europa³.

O propósito do presente trabalho é discutir os processos identitários e as estratégias de reconhecimento vividas pelos novos convertidos, através das trajetórias de seis novos convertidos, membros e lideranças de comunidades em Campina Grande, que foram alvo da primeira etapa desta pesquisa.

O entrelaçamento de trajetórias individuais, familiares e sociais mostraram-se boas estratégias metodológicas para se pensar a construção de identidades religiosas, fronteiras étnicas, e conflitos de fé, bem como apontaram para o fato de que o antropólogo, ao interagir com sujeitos atuantes em sistemas culturais diferentes do seu, experimenta o desencadeamento de complexos processos subjetivos na sua própria pessoa. Conforme Rosaldo “el etnógrafo, como sujeto posicionado, comprende ciertos fenómenos humanos mejor que otros” (1991: 20).

Desta maneira é no entrelaçar das trajetórias e na relação de participação/observação do antropólogo que surge a tentativa de entendimento dos universos culturais diversos que se tocam diante da experiência humana de comunicação.

A experiência etnográfica em Campina Grande tem sido intensa, devido ao contato com todas as comunidades judaicas visitadas, com pessoas dispostas a contribuir com a aventura acadêmica proposta e com a família de novos judeus, em especial. Cabe fazer um agradecimento aos participantes da pesquisa⁴ eles, não apenas pelo rico conjunto de informações que disponibilizaram, como também a oportunidade da etnógrafa em campo experimentar a alteridade, permitindo lidar com uma nova vivência religiosa. Esta

experiencia vivida no campo converge para a experiencia relatada por Rosaldo quando ele afirma: “así, comencé a desentrañar, por medio de mi propia pérdida, lo que los ilongotes me decían sobre sus pérdidas, y no mediante una preparación sistemática para la investigación de campo” (1991: 21).

Reconfigurações identitárias dos novos judeus em Campina Grande-PB

Compreendido no quadro da modernidade religiosa como define Hervieu-Léger (2003), o movimento de retorno de marranos de Campina Grande-PB ao judaísmo, constitui um fenômeno que se integra na dinâmica dos novos processos identitários com a coexistência de múltiplas identidades (Hall, 2008). Este movimento expressa uma nova configuração no campo religioso, em que os jovens buscam se inserir no repertório de grandes religiões, abandonando suas heranças religiosas ocidentais cristãs, conforme constatou Hervieu-Léger (2003). Segundo esta autora, a modernidade religiosa se caracteriza pela desregulação das práticas e vivências religiosas, com o uso da bricolagem em que os novos crentes elaboram seu sistema religioso a partir de elementos de um repertório amplo de sistemas religiosos, combinados com uma liberdade de escolha jamais vista, além do fim das identidades religiosas herdadas. As conversões ao judaísmo parecem contestar em certa medida, a visão da autora citada, uma vez que a religião eleita pelos convertidos integra o grupo das religiões universais tradicionais, buscando um discurso no qual se propõe recuperar uma herança esquecida.

Uma vez que a memória dos marranos ou sefarditas expulsos da península ibérica se fundamenta numa situação colonial, Bhabha (1998) propõe problematizar a emergência étnica no contexto de uma situação de opressão colonial, impedindo que a identidade do outro se manifeste, denominando este processo de “despersonalização colonial” (1998: 72). Ele adota uma análise psicanalítica da situação perversa através do sentimento de rancor, ele faz o comentário tendo como foco os negros, o qual transcrevemos a seguir:

Não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial - o artifício do homem branco inscrito no corpo do homem negro. É em relação a esse objeto impossível que emerge o problema liminar da identidade colonial e suas vicissitudes. (Bhabha, 1998: 4).

No caso do processo identitário em torno de novas comunidades marranas, a alteridade ocorre entre cristãos e judeus e se inscreve no contexto da memória da opressão colonial vivido no Brasil. Contudo, diante do contexto multicultural das sociedades contemporâneas, cabe ficar atentos para evitar enxergar neste processo identitário um caráter essencialista, originalmente ligado a identidade, como afirmou Garcia (2006) em relação aos sefarditas belmontenses de Portugal. Do mesmo modo, para pensar a identidade dos marranos campinenses será adotada a mesma precaução, buscando fundamentar no conceito de identidade de Hall (1996).

Para demonstrar o caráter não essencialista da identidade dos novos convertidos, verificou-se a existência de comunidades judaicas em Campina Grande, cada uma seguindo uma tradição distinta, conforme será apresentado nas trajetórias identitárias dos novos judeus campinenses, que guardam naturalmente suas identidades em relação às suas experiências de vida anteriores, a seguir.

Trajетórias de novos convertidos ao judaísmo em Campina Grande/PB

A aproximação com o campo das comunidades judaicas de Campina Grande permitiu detectar a existência de três comunidades distintas e já mencionadas, revelando um espaço marcado por fronteiras, uma vez que uma não reconhece a outra. Iniciamos a nossa pesquisa através do Adão, membro da comunidade Magen David, que favoreceu a rede de sociabilidade desenhada até então na pesquisa em andamento. Porém, antes de abordar os conflitos e as fronteiras que emergem no cenário dessas comunidades, foram selecionados e entrevistados seis convertidos entre membros e líderes religiosos, que forneceram narrativas acerca de situações vividas, em suas trajetórias identitárias e de conversão ao judaísmo.

Dez anos atrás, Carlos Magno, advogado, ex-assembleiano, visitou a Sinagoga Kahal Zur⁵ no Recife, Pernambuco, onde após consulta pôde constatar, aliviado, a sua aproximação genealógica com o judaísmo. Carlos Magno, por sua própria conta, já havia feito e detalhado a reconstrução de sua árvore genealógica materna, requisito considerado básico para a confirmação da sonhada consanguinidade com o povo judeu.

No mesmo período, Lucas Matheus pagou uma boa quantia de dinheiro para facilitar a aquisição do título de “cidadão judeu” pelo sistema liberal⁶ nos Estados Unidos e ainda hoje é questionado por muitos adeptos do judaísmo em Campina Grande/PB e no Brasil.

Enquanto isso, Alfredo, amigo do Carlos Magno, um dia disse: “eu vou para Israel”, vou fazer meu processo de conversão. Ele já conhecia alguns judeus em Recife que deram uma carta de recomendação um belo dia foi. Estudou, se converteu, é casado com uma “judia pura”, tem dois filhos e trabalha em Israel. “O nome dele em hebraico é Kaleb”, afirma Carlos Magno.

Francisco José, jornalista campinense, ex-participante da Beit Teshuva (comunidade que se auto-afirma como “messiânica”⁷), liderada por Lucas Matheus, e da comunidade Magen Davi, liderada por Carlos Magno, hoje crê que encontrou o judaísmo mais puro ao praticá-lo dentro de sua residência e de sua espiritualidade individual sem ligação direta com alguma coletividade religiosa específica.

Maria Antonia, de família assembleiana e católica, em determinado momento da sua vida de “busca pela verdade”, se interessou fortemente pelas tradições hebraicas. Ela foi quem primeiro afirmou o judaísmo em sua família. Começou a pesquisar os costumes, celebrações e a tradição judaica e aos poucos convenceu o esposo Josué que andava

desconfiado com as pregações do pastor da Assembleia de Deus. Há doze anos que Maria Antonia, Josué e seus dois filhos professam o judaísmo em Campina Grande.

Maria Antonia, integrante da Magen David fala entusiasmada sobre a possibilidade de ter o reconhecimento oficial, “ser judia mesmo”, já que a comunidade irá receber a visita de um rabino e professor universitário do Rio de Janeiro que promoverá entrevistas individuais para, assim, autorizar a conversão dos praticantes do judaísmo em Campina Grande. Maria Antonia em seu momento eufórico nos diz,

Mas essa história do rabino você vai gostar, Carlos Magno tem muita novidade pra contar, eu fiquei muito feliz. Agora ele observa tudo, porque um rabino ele observa, ele pergunta a você qual o procedimento quando você se acorda, a Halakha, o acendimento das velas, porque muitas coisas caem mais para mulher. Mas eu estou confiante que agora serei oficialmente judia.

Adão, formado em Física e atuante na área na empresa de Produtos Eletrônicos é um amante do fisiculturismo e garante que pratica o esporte além dos exercícios físicos na academia porque “perdeu peso e não quer voltar a ser obeso”. Adão segue os preceitos dos rabinos sefarditas de Belém do Pará e está em processo de conversão. Ele afirma ser descendente de judeus marranos e sente, cada vez com mais convicção, que é judeu sim, e a melhor forma de resolver isso é trabalhando por sua conversão.

João, professor de Educação Física da rede municipal de Campina Grande, conheceu o judaísmo quando estava “em busca da verdade” na Bíblia. Questionava-se sobre o conceito de “salvação” e sobre a interpretação cristã sobre o “verdadeiro messias”.

Assim, João encontrou no judaísmo a explicação de muitas de suas escolhas alimentares e iniciou o estudo da língua hebraica e da Torá. Hoje segue de forma solitária e opcional o judaísmo, se denominando seguidor do judaísmo caraíta⁸. João estudou na Universidade Israelita de São Paulo, onde foi aprovado e terá em breve que apresentar um trabalho final de curso, uma monografia. Em seguida ele poderá participar da cerimônia de conversão e ir até aos Estados Unidos a fim de obter o almejado “título de judeu” pelo sistema liberal⁹

O entrelaçamento de tais lampejos de histórias de vida, construídas por meio de uma recente imersão etnográfica na intimidade de algumas famílias e indivíduos que se declaram adeptos do judaísmo, permite uma interpretação do processo de constituição das fronteiras étnicas e identitárias como Fredrik Barth (2000) afirma: “grupos étnicos são categorias atributivas e identificadoras empregadas pelos próprios atores: consequentemente têm como característica organizar as interações entre as pessoas” (2000: 27). Uma vez que as novas comunidades religiosas judaicas em Campina Grande para se legitimarem necessitam de um processo de identificação étnica, pareceu apropriado o recurso ao conceito de Barth como fundamento para análise das fronteiras entre as comunidades judaicas campinenses.

Clifford Geertz (2008) mostra que em qualquer discurso, o código não determina a conduta, e o que foi dito não precisava sê-lo, na verdade. A análise descritiva do etnógrafo sobre este discurso não deixa de ser uma interpretação de segunda ou terceira mão. O fato do pesquisador “estar lá” ou “estar aqui” não desautoriza o seu trabalho, pois interagindo ou não com a fala do nativo, ele não expõe os dados em si, mas uma visão

sobre eles. Para compreender o processo de construção das identidades judaicas em Campina Grande foi necessário um esforço diário de alteridade, já que muitos dos aspectos do cotidiano dos grupos e famílias ora descritos são bastante semelhantes à vida de adeptos de outros sistemas religiosos e de outras dinâmicas cotidianas.

Três comunidades judaicas campinenses e suas fronteiras

No município de Campina Grande existe uma pluralidade de comunidades judaicas. Embora concentradas em espaços físicos e sociais relativamente pequenos em um município do interior da Paraíba, é instigante para a pesquisa perceber como sob um mesmo “título” de judeus, pequenos grupos se formam, se subdividem, se agregam, entram em conflito e passam a instituir verdadeiras fronteiras étnicas.

As chamadas “leis dietéticas” variam muito de uma comunidade para outra, embora certas proibições pareçam produzir consensos em todos os grupos contemplados no trabalho, levando-me a crer que a diferenciação proposital de códigos alimentares constitui uma grande fronteira que disciplina a existência de judeus e não judeus no mundo. O alimento, de fato, é um elemento purificador da experiência identitária judaica.

João, professor da rede municipal de Campina Grande, frequentador da comunidade caraíta, nos brinda com um bom e breve relato que ilustra como a identidade judaica pode se diversificar em contextos globais e locais:

Existem algumas tradições que estão registradas na própria Tanakn, ou na Torá, ou melhor, na Tanakn que são os livros dos profetas, os escritos que nós chamamos de Tanakn ou Micrá, se for na primeira época, contemporânea de Cristo nós reconhecemos como Tanakn. Em outras palavras, para dizer que somos judeus, a nossa religião, o caraíta ele é muito diferente do rabanita, [interessante perceber que esta palavra não aparece em nenhum momento da fala da Magen Davi. Por que?] porque nós temos práticas diferentes, eles não comem leite com carne, e nós interpretamos as passagens que eles interpretam que não podem comer leite com carne de maneira diferenciada. Por exemplo, eles celebram o ano novo judaico agora, Israel está celebrando dia 24 agora de setembro, o Rosh Hashaná, e no dia 26 nós celebramos o Yom Teruá, dia de aclamação ao eterno, certo? O dia de trombetear, de fazer barulho, de fazer festejos, de se alegrar, a festa não é, nós vemos como a segunda cabeça do ano mas não um ano novo. Porque registrado na Bíblia ou na Torá, o ano novo a partir de Moshé, quando o eterno mandou Moshé descer do Egito e subir pra Israel, certo, pra Terra de Canaã, o eterno disse no primeiro mês, no mês da primavera, certo, o eterno disse, Israel agora vai ser outono não primavera, o eterno disse, este será o primeiro dos meses, o primeiro mês do ano, então o primeiro mês do ano não seria agora, então os rabanitas celebram agora mas isso aí não sei se a palavra certa é aculturação ou sincretismo religioso de outras culturas. Então o eterno deu a Moshé a ordem, então quando é primavera no Oriente médio, em Israel, ali é o ano novo judaico. Nós celebramos também as festas dos pães sem fermento, quais são no ano as outras festividades que vamos celebrar? Simchat Torá, que marca o ciclo anual da leitura da Torá que é terminado e reiniciado neste dia. Dançamos e nos alegamos com a Torá, celebramos a Chanucá que comemora a reinauguração do Templo Sagrado de

Jerusalém, após a vitória dos macabeus. É celebrada durante oito dias. Eles, os rabanitas celebram no acendimento de velas, oito velas, usando um candelabro de oito braços.

Carlos Magno, por sua vez não reconhece o caraíta João como judeu. “Não há oficialmente nenhuma comunidade caraíta reconhecida pelo Estado de Israel no Brasil”, afirma. O Lucas Matheus, líder da Amigos da Torah não é reconhecido pelos membros da Magen David como judeu, embora tenha o título liberal de judeu concedido pelos Estados Unidos. Adão, físico e adepto do fisiculturismo, nos fala,

[...] Há uma entidade missionária norte-americana, chamada Jews for Jesus (judeus para Jesus) ... cujo objetivo é evangelizar judeus, então eles fazem aquilo que o apóstolo Paulo sugeriu fingir-se de judeu para ganhar os judeus. É isto o que o Lucas faz em Campina Grande, prega o cristianismo e se diz judeu.

Francisco José, jornalista campinense, ex-frequentedor da Amigos da Torah, afirma categoricamente seu desconhecimento sobre o judaísmo pregado pelo Lucas Matheus em Campina Grande, ele nos diz:

Seria muito mais interessante que o Lucas afirmasse que o que ele faz é defender o cristianismo, porque ele prega o cristianismo, ele representa o cristianismo, ali não tem nada de judaísmo, nós judeus não pregamos Jesus (Yeshua) como Messias.

Lucas Matheus é o fundador da Associação ‘Amigos da Torah’ e participa anualmente do Encontro da Nova Consciência¹⁰, onde colabora com a difusão do judaísmo messiânico junto ao ecumenismo nacional. No judaísmo messiânico declarado por Lucas Matheus, ele crê em Yeshua (Jesus) como Messias, e assim ele prega em sua comunidade o Antigo e o Novo Testamento. Todas as outras comunidades judaicas campinenses desconhecem o Lucas Matheus como judeu, o que dirá como “líder judeu”. Sobre a polêmica que envolve a figura do Lucas perante as outras comunidades judaicas campinenses, João nos diz:

[...] o Lucas ele pratica o judaísmo messiânico, pelo que eu sei é messiânico. Lucas ele é mal visto pelos outros judeus aqui em Campina Grande porque ele acredita que Yeshua é o Messias, e nós não acreditamos dessa maneira, nós até acreditamos na existência, na possível existência dele, não como os textos do Novo Testamento afirma, que nasceu de uma virgem, do espírito santo, isso nós não acreditamos dessa maneira, nós acreditamos em outras versões. E para você entender, já que você é uma estudiosa, nós acreditamos mais em um Jesus histórico. Não naquele que está escrito nos evangelhos, se for ali pelos evangelhos então é complicado explicar aquela história que pra mim tá mal contada, né.

O que percebemos no espaço religioso campinense ao falarmos de judaísmo é que as histórias destas comunidades e seus lugares de pertença em Campina Grande foram escritas através dos passos dos seus professantes. Os passos que produzem, que moldam, falam, significam e ressignificam os espaços e que são repensáveis pela construção dos

atos. Do mesmo modo que João não reconhece o Lucas enquanto líder judeu, Adão afirma:

[...] ele, o Lucas, se intitula ROSH (cabeça em hebraico). Como todos os líderes messiânicos, se intitulavam rosh. Um grupo missionário Norte-americano implantou agentes no Brasil, entre eles o pastor Davi André, o objetivo é atrair marranos, ensinar 'judaísmo' a maneira deles..., mas mantê-los presos ao cristianismo.

Carlos Magno nos contou que um dia estava de kipa no supermercado Hiper Bompreço, próximo ao Açude Velho em Campina Grande, quando chegou até ele o Lucas Matheus, o cumprimentando e perguntando o seu nome. Ele de pronto respondeu: “sou Carlos Magno, da Magen David”. Neste mesmo instante, Lucas Matheus teria se distanciado em silêncio. E são estas cartografias de ordem sentimental que me fazem construir o processo identitário em Campina Grande, em sua pluralidade de desenhos e pessoas que seguem firme ao processo de reconhecimento do ‘ser judeu’ pelo Estado de Israel. Além de estudar as trajetórias incomuns entre os membros das comunidades judaicas pesquisadas, três são enfocadas, Amigos da Torah, Magen David e a Caraíta, a fim de tornar visíveis os processos distintos vividos por estes judeus no espaço sócio-religioso campinense e correlacionar as trajetórias destes judeus em busca do reconhecimento identitário.

Afirmar-se “judeu” e negar a afirmação do outro como “judeu”, constitui um tema recorrente no conjunto de narrativas e ações individuais, representando a grande costura que demarca as fronteiras entre as comunidades judaicas em Campina Grande. A crise identitária e religiosa torna-se, portanto, um momento de criação movido pela emergência de (re)organização de suas vidas de maneira tal que os sonhos de ser judeu e ser reconhecido e a realidade da prática do judaísmo pudessem ocupar o mesmo lugar, e de fato fossem ‘mais felizes’ com a aproximação ao judaísmo, seja rabanita, caraíta ou messiânico.

A crise de identidade e de fé tornam-se portanto, um momento de criação e liminaridade movido pela emergência da reorganização de suas vidas de maneira tal que o sonho de ser reconhecido “oficialmente” como judeu e a realidade das práticas rituais do calendário judaico, possam ocupar o mesmo lugar e a felicidade, enfim, seja conquistada seja ela pela filiação rabanita, caraíta ou messiânica.

A análise das trajetórias dos novos judeus campinenses remete mais uma vez a Hervé-Léger (1999) ao identificar o sentimento de transformação vivido pelo convertido:

[...] Todos os percursos dos convertidos são relatados como caminhos da construção de si. Na forma que eles tomam, estes relatos se distanciam pouco do esquema classicamente comprovado, que opõe um "antes" trágico, desesperador ou simplesmente medíocre, e um "depois" caracterizado ao contrário por uma plenitude de sentido.

A dinâmica das fronteiras parece inerente ao campo religioso de modo que nas identidades religiosas herdadas e vividas anteriormente, as fronteiras eram marcadas no âmbito das diferentes vertentes do campo religioso cristão, com a conversão as fronteiras são reformuladas, pelas filiações a diferentes vertentes do campo religioso judeu.

Cotidiano de uma família de judeus em Campina Grande/PB

Os diálogos constantes e o convívio com a família de Maria Antonia cumpriram um duplo papel, pois inseriam a etnógrafa no rico contexto da experiência judaica no âmbito doméstico familiar, ensinando, assim, a complexidade e diversidade cultural desse sistema religioso.

Maria Antonia é uma jovem senhora de aproximadamente 45 anos, dona de casa, mãe de dois filhos, o Jr, de 19 anos que atualmente serve ao quartel no Recife e o Felipe de onze anos uma criança educada e que nasceu na fé judaica. Maria antes de conhecer o judaísmo professava a fé protestante, era frequentadora da igreja Assembleia de Deus em Alagoas/Maceió, onde morava com seu esposo Josué e o filho mais velho Jr. Maria tem sua origem religiosa em uma família de pai católico, mas não praticante, e de mãe assembleiana convicta. Casou com Josué quando o mesmo servia ao exército em Natal/RN, sim, a Maria Antonia é potiguar. Anos depois o Josué foi transferido e foram morar em Alagoas/ Maceió onde eram frequentadores da Assembleia de Deus. Maria é uma seguidora fiel das celebrações, costumes e tradições judaicas, afirma categoricamente que a mulher é a coluna do judaísmo, é a fonte segura da educação dos filhos, é a redentora do lar, e que a mulher possui no judaísmo três preceitos, desde a educação dos filhos, o acendimento das velas, a separação dos alimentos incluindo a preparação dos pães para a Challah. Percebemos na Maria a dedicação com naturalidade aos preceitos judaicos da mulher. Ana confessa em um momento acerca do jejum e da celebração do dia do Yom Kipur:

Eu fiquei até oito horas da noite. Cumpri meu jejum. Muitos não aguentaram e saíram. Porque assim não é fácil você passar 25 horas sem comer e sem beber, você não pode tomar banho. Você não pode passar perfume. Eu tiro tudo que é de jóias, porque não pode ter vaidade, porque é um dia em que sua alma sente né. Então é o dia que o eterno volta ele vem a terra pra julgar seus atos de bom e de mau, então nós somos pesados na balança, onde Deus pesa nossas atitudes o que a gente fez o ano todinho de bom e de mau. (Maria Antonia)

Josué, esposo da Maria Antonia, é um senhor de aparência calma e bastante comunicativo. É tenente do exército, onde trabalha há 34 anos. Já viajou muito pelo país, e morou em muitos lugares. De forma bastante animada diz que o melhor lugar que morou foi em Fortaleza na década de oitenta, onde trabalhou distribuindo alimentos e água as populações carentes, afinal era o período de seca no Nordeste brasileiro. Josué assim como Maria professava na infância, adolescência e fase adulta a fé protestante. Josué é filho de mãe e pai assembleianos. Veio conhecer o judaísmo através do irmão e por insistência da Maria. Um dia, ainda quando morava em Maceió/ AL o Josué questionou o pastor da igreja acerca do messias cristão ser Jesus, “por que Jesus era o salvador já que existia o judaísmo e ele não cria naquele homem como salvador e era algo das escrituras”? O pastor desconversou, não respondeu ao questionamento e apenas falou ao Josué: “desde que o mundo é mundo é assim. Me ensinaram assim, não posso dizer o contrário para igreja”. Deste dia em diante Josué decidiu buscar o judaísmo como fé. “Convicto da

enganação que vivia”, decidiu estudar e praticar o judaísmo. Assim, Maria Antonia e Josué que conheceram o judaísmo através da insistência do irmão do Josué, cerca de doze anos atrás, hoje afirmam categoricamente que encontraram no judaísmo a “leveza da vida religiosa”, seguem os rituais e são frequentadores assíduos da comunidade Magen David, no bairro do Catolé em Campina Grande.

Maria Antonia, Josué e os meninos, Júnior e Felipe são adeptos da comunidade judaica Magen David, no bairro do Catolé, em Campina Grande. Antes Maria e o esposo Josué professavam a fé evangélica, eram assembleianos. Com os questionamentos constantes do cunhado a respeito do judaísmo, Maria foi cada vez mais se interessando pela fé hebraica. Ela foi quem primeiro teve a coragem de afirmar socialmente o judaísmo em sua família. Começou a pesquisar os costumes, celebrações e a tradição judaica e, aos poucos, convenceu o esposo Josué. Neste momento da história, há doze anos atrás, eles estavam em processo de reestruturação de seus próprios códigos de interpretação do mundo e da vida como ela é e deve ser. Estavam em uma “fase” de *liminaridade*, que nas palavras de Victor Turner escapa “à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá” (1974, p. 117).

A família de Maria Antonia passou a constituir dentro do lar novos códigos de comportamento e vida doméstica, evidenciados especialmente em regras de alimentação. Maria na hora de fazer as compras de supermercado tem o cuidado de verificar o rótulo dos alimentos e ao constatar que os mesmos possuem o certificado *cashé*¹¹ efetua a compra, garantindo assim a dieta alimentar de sua casa. E assim muitos da Magen David, bem como o João, judeu caraíta, procedem.

Maria Antonia confirma as dificuldades que muitos enfrentam em comer carne *cashé*, para compor a lei dietética judaica, não sendo uma realidade apenas encontrada na família dela, e sim na de muitos da comunidade Magen David, mas que em nome da obediência com a dieta alimentar, eles observam o rótulo de alimentos que possam substituir a carne *cashé* para o consumo, a exemplo da compra de peixes que possuem escamas e nadadeiras que podem ser consumidos.

Em relação às regras religiosas de proibição ou restrição alimentar, é preciso levar em consideração que elas normalmente estão relacionadas a representações de pureza e impureza, considerando-se como puro o que se possa ser oferecido em sacrifício a Deus. Ao discutir a noção de impureza ou poluição presente numa cultura, no nosso caso em estudo, na judaica, Mary Douglas nos diz que:

O perigo está nos estados de transição, simplesmente porque a transição não é nem um estado nem o seguinte, é indefinível. As pessoas que tem de passar de um a outro, está ela própria em perigo e o emana a outros [...] Não somente a transição em si é perigosa, mas também os rituais de segregação constituem a fase mais perigosa dos ritos. (Douglas, 2006, p.119)

Uma educação alimentar identificada com a comunidade é uma preocupação constante de muitos frequentadores de comunidades judaicas, seja da Magen David, da Amigos da Torah, ou da ordem caraíta, embora nem todos estejam em boas condições socioeconômicas para consumo da carne *cashé*. Os demais alimentos devem seguir

rigorosamente a regra dietética judaica, assim estes “novos judeus” pretendem tornar as práticas sociais mais realistas e conjugadas socialmente. Esta preocupação pode ser observada na fala do João, ele nos diz:

[...] existe um mandamento para não comer sangue, certo? Nós podemos comer a carne do animal, mas não o sangue, e também a Torá ela nos mostra e aponta aqueles animais que não devem ser consumidos e usados como alimento. Por exemplo, os quadrúpedes que ruminam e tem casco fendido ou rachado nós podemos nos alimentar. Aqueles que não ruminam não devem ser usados como alimento, então existem essas questões. É a questão do peixe e dos animais aquáticos, aqueles que tem escamas e barbatanas, então nós só devemos comer esses animais, que podem ser consumidos. Agora no caso dos crustáceos, nós não podemos, camarão, e outros animais do mar que são proibidos mediante a Torá não nos permite comer. Então existe uma proibição, não é só apenas o porco, o pessoal fala do porco, mas são todos os animais que não ruminam e não tem casco fendido. Na questão das aves, isso é uma questão mais profunda porque existem nomes de animais que estão na Torá que até se desconhecem a raiz do nome, aí não se sabe a ave realmente. Existe uma questão, se a galinha, a ave deve ou não ser consumida, existem rabinos que na dúvida diz: não, não devemos comer. Não consomem. Certo? Então existem essas questões, nós não comemos o sangue do animal, o animal tem que ser abatido da maneira correta, como determina a torá e como deve ser feito, que todo sangue deve ser derramado na terra, abatido corretamente, o animal tem que ter o menor sofrimento possível, certo? Então nesse período a maioria dos caraitas no mundo eles evitam a carne nos países ocidentais porque muitas vezes eles não são abatidos, os animais não são abatidos corretamente e as questões de higiene também nos abatedouros não é, não são ideais.

Mesmo que certos costumes e tradições judaicas possam sofrer determinadas “adaptações”, a família de Maria está constantemente em vigilância em relação aos preceitos considerados corretos. Barth nos diz, “os elementos de uma iniciação são compostos por objetos e atos fundamentais do ritual e da religião da comunidade, ou seja, o conhecimento sagrado essencial da cultura” (2000, p. 146). Josué, em sua narrativa sobre a participação dos membros da comunidade Magen David nas comemorações festivas judaicas, é enfático:

[...] nem todos que frequentam a nossa comunidade participam, mas nós participamos, estamos fazendo a nossa parte, podemos até errar em algo dentro do ritual, e já erramos. Mas aí quando recebemos a visita de um rabino, nós perguntamos, e ele nos corrige, então, aprendemos o certo.

Maria, Josué e seus dois filhos procuram organizar a família de modo a estabelecer “aos olhos de todos” um claro processo de reconhecimento identitário, recolhendo pistas, métodos, teorias comportamentais, inspiração em líderes, iniciadores, na confiança da descoberta prática do verdadeiro e correto procedimento do “ser judeu”. É Turner que nos lembra que “os neófitos tendem a criar entre si urna intensa camaradagem e igualitarismo. As distinções seculares de classe e posição desaparecem, ou são homogeneizadas” (1974: 118). Mas Joaquim, membro da Magen David, não deixa

de fragilizar essa aparente homogeneidade: “a identidade judaica em Campina é muito diversa, rica e curiosa”.

Por meio da narrativa da Maria e de sua família, podemos perceber que a identidade religiosa não se traduz em uma fronteira conceitual estanque, mas é, sobretudo, um *processo*, uma vontade de fazer acontecer e um conjunto de ações individuais e coletivas que mobilizam concretamente valores, códigos de conduta, princípios éticos e morais dentro e fora de uma dada comunidade religiosa.

Conforme Maria Antonia, “a mulher é a coluna do lar judaico”. As atividades desenvolvidas dentro do lar (e relacionadas a ele) são desempenhadas por mulheres. Na Magen David, e isso eu mesma pude observar participando do Yom Kipur, Maria é a mais observadora e crítica das atitudes dos demais membros, especialmente dos neófitos e das mulheres. Em uma comunidade extremamente sexista, ela, de forma “espontânea”, chega mais cedo para preparar a estrutura alimentícia e logística do Shabat¹². Assim percebemos a figura da “mulher/mãe judia” muito presente na experiência coletiva de judeus campinenses contemporâneos. Maria é a figura que nos dá a ideia do “ser prudente” na observância dos deveres religiosos. Se os princípios são abstratos e idealizados, é ela que trata de concretizá-los em vivência real, atualizando na comunidade religiosa os compromissos éticos e morais no exercício de socialização do judaísmo. A mulher no judaísmo é o “timoneiro do barco”, sendo atribuída a ela a responsabilidade total em relação à atmosfera de piedade do lar e à preservação dos ideais judaicos. Ela reúne os filhos em torno de si na véspera do sábado para ouvirem-na pronunciar a bênção das velas, prepara a casa para cada festa e para os Grandes Dias Santos. Maria Antonia nos fala,

A mulher é a coluna do judaísmo, então, a criação dos filhos, tudo! Tem os três preceitos da mulher no judaísmo, o acendimento das velas, o shabat, a pureza do lar, tudo o que acontece a gente separa os utensílios de leite, de gado, tudo e a separação da Challah. Então tem que fazer.

A mulher é a responsável direta pela dieta alimentar do marido e de toda família. Uma das funções a ela delegada é a de “vigilância alimentar” e isto é percebido por meio da fala de Maria quanto ao “sucesso” da experiência vivida pelo filho Júnior que está fora de casa no serviço militar e leva o “lar judaico” para sua nova realidade.

Mesmo estando em serviço militar e longe de meus olhos, meu filho mais velho, o Júnior, me telefona dizendo toda alimentação consumida, daí eu suspiro aliviada porque vejo que tudo o que ensinei pra ele desde pequeno, ele cumpre né, mesmo estando longe dos meus olhos.

O ato de comer tem uma função estruturante para a identidade judaica, pois permite a construção de um território físico e semântico que fará a ligação entre o mundo externo e interno. A isto soma-se também a tradição das dietas alimentares (a chamada “comida casher”) que é repassada de geração em geração, bem como o sentimento de pertença e diferença. Mary Douglas nos diz:

A impureza nunca é um fenômeno único, isolado. Onde houver impureza, há sistema. Ela é o subproduto de uma organização e de uma classificação da matéria, na medida em que ordenar pressupõe repelir os elementos não apropriados. Esta interpretação da impureza conduz-nos diretamente ao

domínio do simbólico. Presentimos assim a existência de uma relação mais evidente com os sistemas simbólicos de pureza. (Douglas, 2006: 50)

As regras dietéticas das novas comunidades judaicas agem como critério de classificação para a demarcação de novos espaços religiosos em que o sagrado se reconstrói a partir das noções de pureza e poluição no contexto da alimentação, que de acordo com as narrativas dos entrevistados são parte crucial do processo de identificação religiosa.

Da arte de ser judeu: considerações finais

Para aproximar o leitor da proposta de análise em torno da emergência da identidade judaica, foram selecionados alguns conceitos de identidade como o de Maalouf (2003), onde cada indivíduo possui uma identidade composta de muitas afiliações e pertencas. Na verdade, existe em todas as sociedades uma enorme variedade de identidades (mulher, homem, hetero/homossexual, jovem, adulto, dentre outros). Adão nos diz, “Carlos Magno, assim como eu, e todos na Magen David (nosso grupo) aceitamos a opinião dos rabinos e estamos em processo de conversão, mas isso também não é fácil”.

Para Cruz (1993), a identidade é um processo de identificações historicamente apropriadas que conferem sentido ao grupo. Ou seja, ela implica um sentimento de pertença a um determinado grupo étnico, cultural, religioso, de acordo com a percepção da diferença e da semelhança entre «ego» e o «alter», entre «nós» e os «outros». Assim nos parece a fala do Carlos Magno que nos diz:

[...] Porque só tem duas formas de você ser judeu, ou seja, de forma comprovada, né, filho de uma mãe judia, comprovada, não é questão de possibilidade, probabilidade... você teria que pegar, sair fazendo uma regressão pela linha matriarcal até encontrar uma judia reconhecida, aí você saberia que não houve interrupção, aí você com o documento daquela você mostraria que é judeu. Só pode ser judeu assim ou através da conversão.

As identidades, que são diferenciações em curso (Santos, 1993), emergem dos processos interativos que os indivíduos experimentam na sua realidade cotidiana, feita de trocas reais e simbólicas (Maalouf, 1998). João em sua fala constante e calma narrou,

[...] a minha procura incessante pela verdade das escrituras, que até então eu era cristão. De família cristã e também nós temos na família a ascendência pela família Costa, que é a ascendência judaica. Certo? No caso a família Costa é de meu pai e da família Silva de mamãe. Mas não foi pelo fator de família, eu muito envolvido no lado religioso, em busca da verdade e este foi meu interesse, a busca da verdade. Depois de quatro anos nessa busca é que eu encontrei pessoas que estavam se aproximando do povo judeu, certo? Essa pessoa estava ligada a alguém na Bahia. Que é o rabino Oshana Iashali, que hoje é, ele tem outra função é um *sofer*, segundo as informações que eu tenho.

Só que de uma ramificação diferente da qual hoje nós fazemos parte. Porque legalmente eu ainda não sou hirud, judeu.

Para Barth (2000), na medida em que as realidades das pessoas são culturalmente construídas, o que os antropólogos chamam de Cultura de fato torna-se fundamental para entender a humanidade e os mundos habitados pelos seres humanos. É preciso explorar a variedade de fontes dos padrões culturais, que podem ser resultados de processos sociais específicos.

E, para viver e manter a sua cultura e identidade vivas, o judeu utiliza-se da comunicação, que é o elo que liga as gerações. Observamos na fala da Maria Antonia, “procuro em sites e nas redes sociais pessoas que se identificam com a fé judaica, assim posso ter acesso aos costumes e tradições, trocando experiências. Um dia pedia amizade a Anita Novinsky¹³ e ela aceitou. Fiquei muito feliz”.

A construção da identidade, seja individual ou social, não é estável e unificada – é mutável, (re) inventada, transitória e, às vezes, provisória, subjetiva; a identidade é (re) negociada e vai-se transformando, (re) construindo-se ao longo do tempo (Hall, 1996). A sociedade (e/ou grupo) constrói e reproduz a sua identidade através do apego constante ao seu passado, histórico, mitológico, simbólico-religioso. Percebemos que a construção da identidade judaica não foge a estas nuances, ela é identificada através do pertencimento a um grupo, exemplo disto pode ser percebido em uma conversa com o Adão, frequentador da comunidade Magen David, em Campina Grande, ele nos afirmou categoricamente que, “todos nós somos Marranos¹⁴”. E ainda seguiu na afirmação, “O fenômeno Marrano é típico dos descendentes de judeus portugueses que vem tomando força em todo o Brasil desde o fim da inquisição, abertura política, liberdade religiosa, acesso a informação...”

A fala do Adão permite dialogar com o seguinte pensamento de Benchimol (1998) no que diz respeito a esta permanência judaica ao longo dos anos pelo mundo,

Ficar judeu, pra transferir a herança e a cultura ancestral às famílias, foi ficando cada vez mais difícil, em face da perda da memória e da identidade judaica, na medida em que as décadas passam e as gerações se sucedem.

Segundo Sahlins, é um desafio à Antropologia “não apenas saber como os eventos são ordenados pela cultura, mas como, nesse processo, a cultura é reordenada” (2008, p. 28). No caso em estudo, não existe uma uniformidade de fé e de práticas rituais e cotidianas entre os que professam a fé judaica em Campina Grande. Entre eles coexistem, ao lado dos religiosos que se consideram praticantes das leis judaicas, como os judeus conservadores, os judeus liberais, os semi-religiosos, judeus leigos que permanecem cultural e sociologicamente identificados e integrados na comunidade judaica, como foi constatado ao longo da pesquisa de campo, mas que pouco frequenta a sinagoga e obedecem aos mizvots (mandamentos).

Castells (2001) em sua trilogia afirma que a identidade, notadamente, a religiosa configura-se no século XXI como a principal fonte de referência, ou seja, do “sentido de si” para o sujeito na pós-modernidade, simultaneamente de conflitos e lutas políticas por reconhecimento e território.¹⁵ Neste sentido, as trajetórias, as construções identitárias e as estratégias de conversão etnografadas em Campina Grande atestam a argumentação do

autor. Acontecimentos recentes e eventos consagrados no presente século demonstram claramente que subjacente às construções identitárias há projetos políticos e econômicos.

Nesta perspectiva, caberia pensar onde ela se coloca tendo em vista a divisão do mundo hoje entre cristãos, muçulmanos e judeus, temos aí uma conjuntura política que se delinea. No Brasil um evento religioso se consagra: o Encontro da Nova Consciência realizado sempre na época do carnaval. Na edição de 2015, o evento abre um espaço para a programação do 9º Encontro dos Amigos da Torah¹⁶. Neste evento está programado um ato de solidariedade ao movimento *Je suis Charlie* e aos cristãos mortos pelo terrorismo no oriente médio e aos judeus mortos nos atos terroristas na França. Em um momento em que muitos jovens ocidentais têm experimentado conversões ao islamismo, é interessante destacar o movimento de retorno dos marranos nordestinos convertendo-se ao judaísmo, justamente a religião dos que historicamente estão em guerra com os muçulmanos. É inegável que a tendência da cultura de paz do movimento *New Age* tem recuado dando lugar a conversões com tendências fundamentalistas que são preocupantes em relação a projetos de paz. Esta busca das origens poderia ser pensada em virtude da conversão ocorrer, sobretudo entre fiéis tradicionais do Adventismo e Assembleismo (a pesquisa revelou esta origem dos novos convertidos), considerando que as vertentes protestantes são religiões seculares que se enquadram na racionalidade moderna.

Foi possível perceber ao longo da escrita deste artigo e da pesquisa de campo, o resgate do marranismo na associação Amigos da Torah, bem como nas comunidades pesquisadas, que buscam em pleno século XXI, resgatar as raízes judaicas de segmentos da população campinense, e com isto tentam construir uma identidade judaica. Embora tenham em seu ‘corpo’ o processo de (re)significação do passado, através de ricos relatos, na busca contínua dos passos identitários, para uma continuidade em transformação.

Referências bibliográficas

BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p.70-104.

BARTH, Fredrik. *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas* (organização de Tomke Lask). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BRASIL. *Amigos da Torah*. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/Amigos-da-Torah-110646865749819/>. Acessado em 20/06/2016.

BRASIL. *Judeus sefarditas em Portugal*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/mundo/portugal-concedera-nacionalidade-judeus-sefarditas-15189193>. Acessado em 26/06/2016.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Vol. 2. São Paulo, editora Paz e Terra, 2001.

CRUZ, Rodrigo Díaz. Experiencias de la Identidad. In *Revista Internacional de Filosofía Política*, nº 2, pp. 63-74, 1993. DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu*. Lisboa, Edições 70, 2006.

GARCIA, Maria Antonieta. Judaísmo e identidade marrana. *Cadernos de Estudos Sefarditas*, n.º 6, 2006, pp. 35-53.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Adelaine La Guardia Resende et al. (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Le pèlerin et le converti : la religion en mouvement*. Editions Champs Flammarion, 2003.

MAALOUF, Amin. *Les Identités Meurtrières*. Paris, Bernard Grasset, 1998.

MAALOUF, Amin. *In the Name of Identity*. London, Penguin Books, 2003.

MEDEIROS, João F. Dias. *Nos Passos do Retorno*. Natal, RN, Nordeste Gráfica e editora, 2005.

ROSALDO, Renato. *Cultura y verdad: nueva propuesta de análisis social*. México: Grijalbo, 1991.

SAHLINS, Marshall David. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Zahar (Antropologia Social), 1990.

_____. *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino nas ilhas Sandwich*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social. Rev. Social. USP*, 1994, 5 (1-2): 31-52.

TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas*. Niterói: Eduff, 2008.

_____. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Notas

¹ Marrano é um termo proveniente da perseguição sofrida pelos judeus durante a Santa Inquisição. Foram forçados ao batismo em diversos contextos socioculturais nos séculos XV e XVI. Significa “amargo”, no hebraico, “maro”. Juntando-se ao sufixo de “anarnu”, “nós”, “nosso”, foi constituído como um neologismo “maranu”, “nosso amargor”, “nossa amargura”. O uso aporuguesado traria mais um “r” e se tornaria “marrano”, ou seja, aquele que foi amargamente batizado, forçado amargamente a adotar outra Fé e outra Cultura em lugar das suas (Medeiros, 2005).

² Os Sefarditas (do hebraico Sefardim, no singular Sefardi) são todos os Judeus provenientes da Península Ibérica (Sefarad). Foram perseguidos durante o período da Inquisição Católica. E, por este motivo, fugiram para países como Holanda e Reino Unido, além dos países do norte da África e de toda a América a exemplo do Brasil, Argentina, México e EUA. Após a chamada “primeira diáspora”, tiveram que seguir suas tradições secretamente ou até mesmo abrir mãos das tradições já consagradas pelo Judaísmo, tudo em busca da sobrevivência.

³ Informação retirada do site: <http://oglobo.globo.com/mundo/portugal-concedera-nacionalidade-judeus-sefarditas-15189193>. Acessado em: 26 julho 2016.

⁴ Foi feito um acordo com os entrevistados para utilizar nomes fictícios a fim de preservar sua privacidade.

⁵ A Sinagoga Israelita do Recife é o principal templo judaico da capital pernambucana. Foi fundada em 20 de julho de 1926 por judeus oriundos da Europa Oriental. Endereço: Rua do Bom Jesus, 197 - Recife, 50030-170.

⁶ O conceito de judaísmo Liberal é adotado para representar todos movimentos religiosos judaicos não identificados com os setores ortodoxos do judaísmo. Muitas sinagogas na Europa, como na Inglaterra e na Holanda, identificam-se como liberais. Estas comunidades têm fortes laços com as congregações reformistas e progressistas nos Estados Unidos e ao redor do mundo.

⁷ É uma prática judaica, anterior ao judaísmo rabínico [tradicional atual] e ao cristianismo, não podendo assim ter sido originada a partir de nenhum destes. O judaísmo messiânico crê em Yeshua Há Mashiach (Jesus, o Messias de Israel), como Messias.

⁸ Termo que designa uma das ramificações do judaísmo que defende unicamente a autoridade das Escrituras Hebraicas como fonte de Revelação Divina em detrimento das chamadas “tradições orais”.

⁹ O judaísmo liberal é o nome dado ao movimento judaico reformista na Alemanha, na primeira metade do século 19. O movimento liberal foi desenvolvido na Europa, porém, distanciou-se das práticas anti-tradicionais do judaísmo reformista clássico americano. É deste movimento que provavelmente a CIP (Comunidade Israelita Paulista) herdou suas práticas e valores religiosos iniciais, e junto com eles, a denominação de comunidade judaica liberal. Hoje em dia muitas sinagogas na Europa se identificam com comunidades que têm fortes laços com as congregações reformistas e progressistas nos Estados Unidos e ao redor do mundo. o conceito de judaísmo Liberal é adotado por alguns para representar todos movimentos religiosos judaicos não identificadas com os setores ortodoxos do judaísmo.

¹⁰ Todos os anos durante o carnaval, desde 2001, na cidade de Campina Grande/Paraíba se realiza o evento Encontro para Nova Consciência dedicado à ciência, a cultura, a Arte, as Tradições Religiosas e tudo o que diz respeito ao Patrimônio Cultural Imaterial. Sendo um evento ecumênico reúne representantes das mais diferentes tradições religiosas.

¹¹ O Certificado casher é um documento emitido para atestar que os produtos fabricados por uma determinada empresa obedecem às normas específicas que regem a dieta judaica ortodoxa. Ele é mundialmente reconhecido e atribuído como sinônimo de controle máximo de qualidade.

¹² Shabat (do hebraico שבת, shabāt; shabos ou shabes na pronúncia asquenazita, "descanso/inatividade) é o nome dado ao dia de descanso semanal no judaísmo, simbolizando o sétimo dia em Gênesis, após os seis dias de Criação. O Shabat apesar de ser comumente dito ser o sábado de cada semana, é observado a partir do pôr-do-sol da sexta-feira até o pôr-do-sol do sábado. O shabat é observado tanto por judeus quanto por cristãos, como por exemplo os adventistas do sétimo dia e batistas do sétimo dia. É observado como um mandamento positivo. As atividades proibidas no Shabat derivam de trinta e nove ações básicas (melachot, livremente traduzido como "trabalhos") que são descritas pelo Talmud a partir de fontes bíblicas.

¹³ Pesquisadora. Atualmente é Livre Docente da Universidade de São Paulo e Consultora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Suas pesquisas concentram-se em: Brasil Colonia, Cristão Novo, História, História do Brasil, Holocausto e Identidade.

¹⁴ O batismo forçado nos séculos XV- XVI foi amargo, no Hebraico “maro”. Juntando-se ao sufixo de “Anarnu”, nós, nosso, foi feito mais um neologismo “maranu”, “nosso amargor”, “nossa amargura”. O uso aporuguesado traria mais um “R” e se tornaria “marrano”, aquele que foi

amargamente batizado, forçado amargamente a adotar outra Fé e outra Cultura em lugar das suas. (Medeiros, 2005)

¹⁵ “En un mundo como éste de cambio incontrolado y confuso, la gente tiende a reagruparse en torno a identidades primarias: religiosa, étnica, territorial e nacional. En estos tiempos difíciles, el fundamentalismo religioso, cristiano, islámico, judío, hindú e incluso budista (en lo que parece ser un contrasentido), es probablemente la fuerza más formidable de seguridad personal y movilización colectiva. En un mundo de flujos globales de riqueza, poder e imágenes, la búsqueda de la identidad, colectiva o individual, atribuida o construida, se convierte en la fuente fundamental de significado social. No es una tendencia nueva, ya que la identidad, y de modo particular la identidad religiosa y étnica, ha estado en el origen del significado desde los albores de la sociedad humana. No obstante, la identidad se está convirtiendo en la principal, y a veces única, fuente de significado en un periodo histórico caracterizado por una amplia desestructuración en las organizaciones, deslegitimación de las instituciones, desaparición de los principales movimientos sociales y expresiones culturales efímeras. Es cada vez más habitual que la gente no organice su significado en torno a lo que hace, sino por lo que es o cree ser.” (Castells, 1997: 29).

¹⁶ Informação retirada da rede social: <https://www.facebook.com/events/765144756911774/>
Acessado em: 26 julho 2016.